

Concentração reabre disputa na Câmara

A presença de centenas de deputados em Brasília no meio da semana, para o esforço concentrado programado pelo Congresso, deve reabrir as conversações sobre a eleição para a Presidência da Câmara em fevereiro. Mas as negociações só devem avançar em dezembro, depois da definição do segundo turno da escolha de governadores, conforme a expectativa entre os concorrentes.

“O esforço concentrado será uma boa oportunidade para contatos, mas as definições de alianças virão mais tarde”, confia o deputado gaúcho Nelson Jobim, um dos três do PMDB que aspiram pela Presidência da Câmara na certeza de que apenas o segundo turno para governador definirá o quadro dos grandes eleitores que poderão decidir a parada.

Na mesma expectativa, o deputado Ibsen Pinheiro, outro gaúcho do PMDB com o olho na Presidência da Câmara, acredita que, além da definição dos gran-

des eleitores, será necessário apurar ainda um perfil mais nítido dos novos deputados eleitos no mês passado, que mudam a composição da casa e ainda não foram incorporados ao debate da questão. Há uma outra razão para a paciência de Ibsen e Jobim: ambos esperam pela posição do deputado paulista Ulysses Guimarães, o terceiro nome do PMDB na disputa.

No mesmo compasso de espera ingressam outros três deputados que se lançaram na disputa, todos do PFL: o mineiro Humberto Souto e os pernambucanos Inocêncio Oliveira e Fernando Fiúza. “Como poderá se discutir a Presidência da Câmara se ninguém sabe o que vai pela cabeça do Hélio Garcia?”, observa o pragmático Humberto Souto.

Na cabeça de Hélio Garcia, candidato no segundo turno em Minas pelo PRS, está uma relação de 40 deputados, entre os 53 que os mineiros enviam para a Câmara em fevereiro. Pertencem

a vários partidos, mas possuem afinidades com Garcia, e prepararam um documento no qual pedem ao presidente Collor que não ajude Hélio Costa, do PRN, no segundo turno mineiro.

Com esse lastro, Garcia capacita-se como um dos grandes eleitores na escolha do presidente da Câmara, especialmente se eleito governador. Assim, o PFL também espera por definições nas urnas do segundo turno. Ao mesmo tempo, pefelistas aguardam pelo desempenho da inflação. Se a recrudescer, Fiúza poderá ser um candidato independente em relação ao Planalto.

Num movimento contrário, Inocêncio procura robustecer suas ligações com o Governo e mostrar a sua capacidade de colaborar na formação de um bloco de apoio ao presidente Collor. O bloco, formal ou informal, seria em oposição à cúpula do PMDB, exatamente para retirar-lhe a prerrogativa de indicar o presidente da Câmara.